

O DISCURSO NEOPENTECOSTAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA: um estudo etnográfico das redes sociais online e seus desdobramentos nas eleições municipais de 2016¹

THE NEW-PENTECOSTAL SPEECH IN THE CONSTRUCTION OF POLITICAL IDENTITY: an ethnographic study of online campaigns in the 2016 local election

Vanessa Cardozo Cunha²

Resumo: Este artigo pretende compreender o papel das narrativas neopentecostais na formação da identidade política dos candidatos a prefeito nas eleições de 2016 das quatro capitais que compõem o sudeste brasileiro: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória, seu espectro de influência nas eleições de 2016 e nas redes sociais online. A partir dessa análise, utilizando as ideias centrais de Popkin (1994), Meyrowitz (1986) e Mariano (2003), busca-se averiguar os aspectos culturais, políticos e regionais que permitiram a expansão do neopentecostalismo, a vantagem de ser um candidato conservador e os atalhos de informação que dão sentido à utilização desta retórica. Para isso, será utilizada uma metodologia de inspiração etnográfica, com monitoramento e categorização das postagens das páginas oficiais dos seguintes políticos: Celso Rusomanno (PRB), Marcelo Crivella (PRB), João Leite (PSDB) e Luciano Rezende (PHS).

Palavras-Chave: Eleições Municipais 2016. Redes Sociais Online. Neopentecostalismo

Abstract: This paper intends to discuss the role of new-Pentecostal narratives in the construction process of political identity of mayor candidates in the 2016 local elections. This way, I will research the online campaigning of Celso Rusomanno (PRB), Marcelo Crivella (PRB), João Leite (PSDB) and Luciano Rezende (PHS). Using the central ideas of Popkin (1994), Meyrowitz (1986) and Mariano (2003), I intend to verify the social and political context that allowed the neopentecostal movement's expansion. I also analyze the information shortcuts that builds this discourse's sense.

Keywords: Neopentecostalism. 2016 Local Election. Internet.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho CULTURA POLÍTICA, COMPORTAMENTO E OPINIÃO PÚBLICA do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

² Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestranda da linha Tecnologias da Comunicação e Cultura, e-mail: vanessa_cardozo07@hotmail.com

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar a função do discurso neopentecostal³ como ferramenta de construção da identidade política dos candidatos a prefeito nas eleições de 2016 das quatro capitais que compõem o sudeste brasileiro: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória. A partir dessa reflexão, insere-se a questão central deste artigo científico: até que ponto o discurso neopentecostal atua na formação da identidade política dos candidatos à prefeitura da região sudeste, considerando o ambiente *online* e seus desdobramentos nas eleições de 2016?

Marcado por um forte clima de polarização política acentuado pelo processo de impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), o pleito municipal de 2016 fortaleceu o movimento neopentecostal, conforme se pode verificar na matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo⁴ sobre o aumento de 31% do número de prefeitos eleitos pelo PRB nessas eleições. Na região sudeste, esse cenário propiciou a eleição de Crivella (PRB), no Rio de Janeiro, e de Luciano Rezende (PPS), em Vitória; além do segundo lugar no favoritismo à corrida eleitoral aos candidatos Celso Russomanno (PRB) e João Leite (PSDB), em São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente.

Sendo assim, este estudo advoga que os quatro sujeitos políticos desta pesquisa contam com o apoio do “eleitor religioso socialmente conservador” (PIERUCCI, 2011, p.60), obtendo sucesso, sobremaneira em disputas para o poder legislativo e, recentemente, em eleições majoritárias para prefeito. Essa ampliação da presença evangélica na práxis política pode ser atribuída, em grande parte, à modernização adotada pelo movimento neopentecostal, que empregou uma série de inovações em seus templos, aderiu a uma estrutura empresarial e criou o conceito de *Batalha Espiritual*.

³ Neopentecostalismo, como o próprio nome diz, é uma variedade do Pentecostalismo. O movimento é uma forma de Cristianismo que enfatiza a terceira pessoa da trindade, o Espírito Santo. Para esse segmento, a religiosidade deve ser vivida através de manifestações miraculosas, como o “batismo com Espírito Santo”, cura física e comportamento de êxtase (falar em línguas).

⁴ Disponível: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1827961-prb-de-crivella-se-fortalece-e-elege-30-mais-prefeitos-em-2016.shtml> > Acesso em abril de 2017.

A partir dos anos 2000, com o advento das redes sociais *online*, as narrativas neopentecostais passaram a tráfegar pelo ambiente *web*, convertendo-se em *likes*. Seguidos no Facebook por milhares de internautas-eleitores, esses quatro candidatos foram bem votados em suas cidades de origem, o que reforçou a necessidade de investigar o espectro de influência dessa narrativa durante esses pleitos municipais e nas redes sociais *online*.

Desse modo, ao utilizar as ideias centrais de Popkin (1994), Meyrowitz (1986) e Mariano (2003), surge a necessidade de responder aos seguintes questionamentos no decorrer deste artigo: (a) Quais são os aspectos culturais, políticos e regionais que permitiram o crescimento da intenção de autores políticos simpatizantes e Neopentecostais? (b) É vantajoso utilizar essa narrativa durante a corrida eleitoral? (c) Quais são os atalhos de informação utilizados pelos seguidores das páginas?

Para isso, será utilizada uma metodologia de inspiração etnográfica, com monitoramento e categorização das postagens das páginas oficiais dos candidatos, durante o período de 16 de agosto a 30 de outubro de 2016. Com base nesta pesquisa, propõe-se que as narrativas neopentecostais atuam como forma de construção de identidades políticas e de fidelização de eleitores.

2. Neopentecostalismo: aspectos culturais, políticos e regionais

Pronunciada por Janaína Paschoal – advogada brasileira, coautora da denúncia que levou ao afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff –, a frase “Deus iniciou o *impeachment*” abriu a sessão de julgamento do dia 30 de agosto de 2016, embalada pelo espectro da moralidade evangélica⁵, que ronda a cena política brasileira.

Nesse mesmo período, as eleições municipais para prefeito evidenciaram o fortalecimento de uma nova direita brasileira, economicamente

⁵ Na América Latina, o termo evangélico abarca as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra (BIRMAN, 2012).

liberal e conservadora nos costumes, como os grupos neopentecostais, que representam a base do fundamentalismo brasileiro. Sendo assim, ao tomar como pressuposto o fato de essa nova direita não ser una, a primeira parte deste estudo tem por finalidade analisar os aspectos culturais, políticos e regionais que permitiram a expansão do movimento neopentecostal e a aderência do eleitorado aos políticos simpatizantes ou declaradamente *gospels*.

Sobre a importância do neopentecostalismo na política brasileira, um levantamento feito pela Diap⁶ revelou que os evangélicos duplicaram a sua base parlamentar em menos de 20 anos, representando 13,64% dos 513 deputados que compõem a Câmara, o que demonstra que o avanço desse segmento não é só expressivo nos planos religiosos e geográficos, mas estende-se pelos campos da cultura e da política. Posto isto, a necessidade de analisar os três aspectos (culturais, políticos e regionais) torna-se legítima neste estudo:

2.1. Aspectos culturais

Detentores de capital político e religioso, os protestantes se tornaram a segunda maior religião do continente sulamericano, especialmente no Brasil, onde uma a cada cinco pessoas se considera protestante. Dos 50 milhões de evangélicos brasileiros estimados no último Censo do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico⁷, uma parcela significativa se identifica com as narrativas neopentecostais, o que garante o pódio de maior segmento protestante à denominação.

Nascido na segunda metade da década de 1970, o neopentecostalismo ou pós-pentecostalismo é uma dissidência do evangelicalismo que congrega denominações oriundas dos pentecostalismos clássico e neoclássico e das igrejas cristãs tradicionais (Batistas, Metodistas, Presbiterianas, etc.).

⁶ Disponível em: < <http://www.diap.org.br/> > Acesso em abril de 2017

⁷ Dados colhidos de acordo com o censo de 2010 do IBGE. Disponível em < http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rj&tema=censodemog2010_relig > Acesso em dezembro de 2016.

Sob influência do Missionário Robert Mc Alister, o movimento ganhou a roupagem que o diferenciaria dos pentecostalismos clássico e neoclássico, tornando-se um fenômeno tipicamente brasileiro. Posteriormente, os precursores do neopentecostalismo (Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo) saíram da igreja de McAlister e fundaram os primeiras templos neopentecostais em solo brasileiro: Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994).

Pode-se dizer que muito mais do que uma onda de inovação, o neopentecostalismo fomentou diferenças, estabelecendo uma relação de “Continuidade e, ao mesmo tempo, novidade e mudança com o sistema doutrinário do pentecostalismo em sua primeira e segunda onda”. (MARIANO, 2003, p. 36). Esse distanciamento substancial advém da ênfase do conceito de Batalha Espiritual, contra o diabo e seus demônios, e na Teologia da Prosperidade, que promoveu um deslocamento das expectativas milenaristas de salvação para uma vida de graças no presente, e tem ligação direta com a teologia pós-milenismo, que é antagônica da doutrina milenarista dos pentecostais, e a eliminação do ascético de santidade.

A trilogia “demônio, prosperidade e antiasceticismo” denota um novo paradigma na estrutura do Neopentecostalismo, uma ruptura em que Mariano (2003) assinala três aspectos importantes:

- 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente (MARIANO, 2003, p. 36).

A ênfase nos dons do espírito de outrora abriu alas a uma visão moderna do cristianismo, na qual uma teologia maleável pode ser ajustada para preocupações espirituais locais e aspirações sociais, concedendo flexibilidade aos líderes para modificarem e reinterpretarem dogmas da igreja para que coincidam com as condições e expectativas locais. Desse modo, torna-se difícil não pensar no apelo básico que o neopentecostalismo exerce sobre as camadas às margens da

sociedade, com rituais performáticos de exorcismo e cura de males em seus púlpitos.

A partir dos anos 1990, com ascensão do governo Collor e a adoção de políticas neoliberais, os valores neopentecostais e o dogma da Teologia da Prosperidade tornam-se mais alinhados com os valores da sociedade, em parte pelas elites brasileiras adotarem conceitos capitalistas para fundarem – em torno da noção de sucesso – uma percepção do ser social que valoriza uma nova forma de *ethos* (WEBER, 2004, p.30) voltado ao trabalho empreendedor e ao consumo demasiado.

É nesse contexto que os templos neopentecostais, liderados pela Igreja Universal do Reino de Deus, elevaram o conceito de Batalha Espiritual ao âmbito político, ao dogmatizar que a vitória contra o mal "Estaria na eleição de fiéis para os cargos públicos. Em seus postos, eles neutralizariam as ações dos demônios, trazendo assim saúde e prosperidade para todo o país." (SIEPIETSKI, 1997, p.54).

Nessa perspectiva, a ação política passa a ser vivenciada de modo estratégico, e não simplesmente representativo, pois, ao contrário das outras igrejas, "A Universal não mede esforços para eleger seus candidatos (...). Como não se ressentem do peso da tradição sectária e apolítica do pentecostalismo, seus líderes não precisam dar maiores explicações para justificar sua participação no jogo político-partido" (MARIANO, 1994, p.46).

Por conta desses pressupostos, explícitos ou implícitos, essa dissidência possui uma notável capacidade de reinventar-se a cada geração, assumindo formas inusitadas através de elementos que rondam também a nossa cultura política à medida que partem da esfera pública para a privada e vice-versa, e impactam a nossa sociedade. Torna-se, assim, necessário compreender os aspectos políticos que permitiram a expansão desse segmento.

2.2. Aspectos Políticos

Em seu livro *Religião e Sociedade*, Freston (1994) narra a crescente inserção dos neopentecostais na vida política brasileira. Para o pesquisador, a participação de candidatos declaradamente evangélicos surgiu em 1979, com a eleição dos deputados José Fernandes e Mario de Oliveira⁸ nos mandatos de 1973 a 1983 e de 1983 a 1987. É nessa atmosfera redemocratizante, na qual diversos grupos buscaram seus direitos civis, que os evangélicos mudaram sua postura apática em relação à política e lançaram o slogan partidário “irmão vota em irmão” (SYLVESTRE, 1986, p.30).

O interesse político se mantém acalorado durante a Assembleia Constituinte de 1988, onde participaram os 14 deputados evangélicos que compuseram o parlamento do Congresso Nacional de 1986, conforme se pode verificar nas palavras de Machado (2006, p.17): “Segmento com discreta atuação no cenário político até os anos 1970, os evangélicos ganharam visibilidade durante a Assembleia Constituinte de 1988”.

Em 1990, os neopentecostais nomearam quatro deputados federais e três estaduais. Quatro anos mais tarde, elegeram seis deputados federais e seis estaduais, duplicando o número de representantes no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas, além de conquistarem a Secretaria do Trabalho e Ação Social e lançarem uma candidatura ao senado com 500 mil votos (ORO, 2003, p.55). Essa mesma prosperidade política se mantém em 1998, ano em que a dissidência elegeu 14 deputados federais e 26 estaduais, em 16 estados e no Distrito Federal.

Acerca das estratégias políticas adotadas pelo movimento neopentecostal, observa-se que essa não se restringe a cargos proporcionais, uma vez que a igreja utiliza seu poder para eleger candidatos majoritários de seu interesse. Um exemplo dessa afirmativa pode ser retirado do livro de Mariano & Pierucci (1982) sobre o apoio ostensivo, desde o primeiro turno, à candidatura do ex-presidente Fernando Collor, no ano de 1989.

⁸ Candidatos dos Estados do Amazonas e Minas Gerais, respectivamente.

Segundo os autores, a anuência neopentecostal ao candidato teve por objetivo ampliar os interesses econômicos da IURD, como demonstra o fragmento a seguir, em entrevista concedida por Paulo De Velasco⁹ aos pesquisadores:

Nós tínhamos dois candidatos: Lula e Collor. O Lula já tinha declarado que ele, eleito presidente, mandaria fechar a Igreja Universal. Ele declarou isso (...), eu não vou ser autodemolidor de mim mesmo. E houve promessas de que iria ajudar a igreja... Nós estávamos comprando a TV Record. Repare se por acaso você compra, depende da autorização do presidente (...), se você tem um presidente dizendo “vou te apoiar”, você apoia o cara. Por quê? É uma questão de praticidade. Eu não vou apoiar o meu inimigo (DE VELASCO apud MARIANO E PIERUCCI, 1992, p. 93).

Desfeita após esse episódio, a aliança das igrejas evangélicas ao Collor mostrou-se frágil quando comparada às outras frentes parlamentares. Os relatos sobre a atuação do processo de deposição do ex-presidente¹⁰ evidenciaram que o não cumprimento das expectativas evangélicas possui consequências punitivas e espirituais sérias, justificando a retirada de apoio ao dirigente não por sua forma de governar, mas por ter contrariado os “ungidos do Senhor”.¹¹

Ao ser deposto, Collor deixou como legado a aderência brasileira à lógica neoliberal que se desenrolaria pelos anos 1990. Esse novo modelo econômico, baseado no incentivo ao estímulo mercadológico por meio do consumo, fomentou um *Novo Espírito do Capitalismo* (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009, p.30).

Diferente do ideário ascético proposto por Weber, esse novo “Ethos” (WEBER, 2004, p.60) é definido pelo incentivo ao trabalho empreendedor e ao consumo demasiado como forma de inserção social. Veiculado nas mídias de Edir Macedo, a ideologia desse modelo político-econômico encontrou afinidade com os ideários de “vitória”, “mudança de vida” e “prosperidade”, uma vez que o “novo” espírito liberal pode ser lido como a modernização que agrega todas as formas de vida ao atual processo de produção, à medida que o indivíduo precisa se superar,

⁹ Paulo De Velasco é ex-pastor da IURD. Atuou no ramo financeiro e foi eleito deputado federal nos 1990, compreendia o espaço político como território para cumprir uma missão, no sentido místico-religioso.

¹⁰ Os relatos podem ser visualizados no trabalho de Cerqueira Baptista (2007), disponível em: < http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2007-05-14T184652Z-319/Publico/Saulo%20Baptista.pdf > Acesso em fevereiro de 2017.

¹¹ Jargão bíblico para designar pastores e obreiros. “O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele [Saul], pois é o ungido do Senhor” (1Sm 24:6).

cada vez mais, para obter sucesso – ou, no caso dos neopentecostais, a marca de Cristo.

Nas eleições majoritárias de 1994, a cúpula manteve-se à direita ao apoiar a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, porém, a mesma volatilidade eleitoral observada em relação à deposição de Collor, fez-se presente no segundo mandato de FHC (1998-2002), quando o “Governo adotou uma postura rigorosa de fiscalização com a Record, bem diferente do modo tolerante e até omissivo como tratava a Globo” (CERQUEIRA BAPTISTA, 2007, p.267).

No alvorecer do século XXI, o antipetismo dos anos 1990 foi esquecido, a surpreendente aliança IURD/PT se consolidou em 2002, quando o segmento declarou o seu apoio a Luiz Inácio Lula da Silva. A coalizão teve como representante o senador José de Alencar, como vice da chapa de Lula. Segundo Oro (2003), a candidatura do empresário mineiro teve por motivação aproximar o petista de dois grandes grupos: o empresariado e a IURD.

Nos próximos anos, a curva de representatividade se manteve crescente e o partido conquista notoriedade em eleições municipais, conforme a matéria publicada pelo site de notícias IG¹², sobre o aumento do número de prefeituras conquistadas em 2012, o que denota que a estratégia evangélica de difusão deixou de apenas oferecer apoio às candidaturas de prefeitos e passou a eleger seus próprios políticos e coligados, expandindo-se para além do legislativo.

Em 2013, as Manifestações de Junho mobilizaram tanto as redes sociais online quanto as principais avenidas do país, cuja pauta protestava pelos preços das tarifas dos transportes públicos e por melhores condições de saúde e segurança. Em meio a esse clima de descontentamento, assim como no governo Collor, o apoio da IURD também se mostrou volátil. O PRB foi o primeiro partido aliado a deixar a base do governo¹³, no mesmo dia em que o ex-presidente Lula foi indicado por Dilma como ministro-chefe da Casa Civil.

Grosso modo, pode-se afirmar que o rompimento do PRB com o governo deu início a um *efeito dominó* que culminou com a saída da presidente Dilma Rousseff

¹² Disponível em: < <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-07-15/voz-da-universal-no-congresso-prb-quer-dobrar-numero-de-prefeitos-e-mira-2014.html> > Acesso em janeiro de 2017

¹³ Disponível em: < <http://noticias.r7.com/brasil/prb-rompe-com-dilma-e-e-primeiro-partido-a-deixar-base-do-governo-17032016> > Acesso em janeiro de 2017.

(PT) por sua falta de habilidade no jogo político. Durante a votação no processo de Impeachment na Câmara e no Senado, a maioria dos políticos favoráveis ao impedimento concentrava-se nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste¹⁴.

Nos estados com maiores colegiados eleitorais, os quatro que compõem o Sudeste se sobressaíram nas votações a favor do impedimento: São Paulo (81,43% sim e 18,57% não), Minas Gerais (77,36% sim e 22,64% não), Rio de Janeiro (75,56% sim e 24,44% não).

Longe de se limitar somente ao Congresso, as narrativas antipetistas também ganharam força entre a população, segundo uma pesquisa realizada pela empresa de big data Hekima¹⁵, que analisou mais de 600mil postagens no Facebook, a população do Sudeste lidera o ranking de oposição ao Partido dos Trabalhadores.

A esse fenômeno regional, pode-se atribuir diversos fatores, tais como: a percepção do nível de corrupção, a descrença no sistema partidário, predomínio da ofensiva liberal naqueles estados quando comparados ao resto do país. Sendo assim, para compreender a aderência ao discurso conservador, torna-se essencial analisar as especificidades políticas dessa região.

2.3. Aspectos regionais

Considerada a região mais rica do país, o Sudeste brasileiro possui alta densidade populacional (45% da população em apenas 1/10 de território), robustas capitais e dezenas de cidades grandes e médias que apresentam o que há de mais moderno no país. Num primeiro momento parece contraditório inferir que grandes metrópoles, como Rio, São Paulo, Espírito Santo e Minas, progressistas sob diversos aspectos, possam conviver com governos conservadores. No entanto, ao analisar, mesmo que superficialmente, a constituição histórica desses estados, torna-se possível compreender esse fenômeno e como este se reflete nas urnas de suas principais capitais.

¹⁴ Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/507327-PERCENTUAL-DE-VOTOS-PELO-IMPEACHMENT-FOI-MAIOR-NAS-REGIOES-CENTRO-OESTE,-SUL-E-SUDESTE.html>> Acesso em janeiro de 2017.

¹⁵ Disponível em:< <http://hekima.com/pt-br/>> Acesso em abril de 2017

Grandes Oligarquias, esses estados possuem um passado conservador de longa data, foram contrários à abolição da escravidão, utilizaram seu poderio econômico para eleger presidentes e tiveram papel relevante no apoio ao Golpe Militar de 1964. Na história política recente de suas grandes capitais, é possível compreender a alta adesão às narrativas pentecostais nessas cidades, marcadas pela vitória da iniciativa privada e do empreendedorismo em detrimento de políticas públicas, conforme veremos a seguir:

2.3.1. Rio de Janeiro

Morada das principais lideranças neopentecostais, dentre elas o radialista Anthony Garotinho, o Rio de Janeiro é um dos locais onde o conservadorismo neopentecostal fincou raízes profundas. Representados por partidos como o PMDB, PSC, PSB, PL e Prona, os neopentecostais, entre 1991-2003, conquistaram espaços nas Casas Legislativas. O avanço desse movimento no Rio de Janeiro foi fruto da ofensiva neoliberal global, da destruição das bases políticas do brizolismo na década de 1990 e do número considerável de eleitores evangélicos.

Em 2002, o movimento elegeu seu primeiro candidato majoritário ao senado do Rio de Janeiro, o bispo Marcello Crivella. Apoiado pelo bispo da Assembleia de Deus, Manoel Ferreira, e pela família Garotinho¹⁶, o sobrinho de Macedo conquistou 3,5 milhões de votos válidos. No congresso nacional, foi vice-líder do Governo Lula e líder do Partido Liberal, além de presidente da CPMI da Emigração Ilegal.

Desde então, Crivella manteve-se no poder, foi senador do Rio de Janeiro, atuou como ministro da Pesca do governo Dilma, concorreu à prefeitura e foi líder do PRB na casa, autor de mais de 200 proposições. Com o desmantelamento do estado carioca e o fim de hegemonia petista, Crivella é eleito prefeito nas eleições municipais de 2016, no segundo turno, em disputa contra Marcelo Freixo (PSOL), apesar do alto índice de abstenção e de votos nulos, cerca de 40% do eleitorado não compareceu às urnas, e do apoio indireto dos grandes veículos de comunicação

¹⁶ Para Baptista (2007), a importância da bênção espiritual pastoral sobre o candidato, que deve ser oficialmente indicado e apoiado pela denominação, essa postura contribuiu para reforçar o caráter corporativista e diminuir a autonomia política

à candidatura de Freixo, como O Globo e O Estado de São Paulo, pode-se dizer que as camadas urbanas cariocas preferiram as narrativas neopentecostais às petistas.

2.3.2. Espírito Santo

Na capital capixaba, Luciano Rezende (PPS) conquistou a prefeitura da cidade com 51,19% dos votos durante o primeiro turno do pleito de 2016. Simpatizante da causa evangélica, o candidato contou com o apoio das lideranças neopentecostal nos pleitos municipais de 2016 de 2012, sendo este numa disputa atípica, na qual dois partidos de oposição ao PT se enfrentaram.

Em 2013, Rezende retribuiu o apoio e prestigiou pessoalmente aos evangélicos no evento Marcha para Jesus, que aconteceu na cidade e reuniu 10 mil pessoas, segundo o jornal Folha de Vitória¹⁷.

Ao analisar a história recente do Espírito Santo, Washignton Philip (2013) relata que o primeiro político oficialmente evangélico foi o pastor Levi Aguiar Jesus Ferreira¹⁸, notavelmente reconhecido do meio gospel, “exerceu a função de vereador do município de Vila Velha de 1977 a 1982 e o mandato de Deputado Estadual de 1987 a 1991” (PHILIP, 2013, p.101).

No início dos anos 2000, a influência de políticos evangélicos capixabas se torna ainda mais latente. Em 2002, foram eleitos oito deputados estaduais evangélicos¹⁹. No pleito de 2006, das 30 cadeiras disponíveis para deputados estaduais capixabas, cinco foram ocupadas por evangélicos. Dentre os candidatos, eleitos naquele ano, Reginaldo Almeida, do PSC, foi um caso de sucesso, com 28.633 votos, eleito pela coligação PRB/PSC/PMN/PV.

A onda eleitoral evangélica mantém em ascensão nas eleições para deputado estadual em 2010, onde foram eleitos nove candidatos. Esse sucesso pode ser atribuído, além dos candidatos oficiais, às coligações, tanto para cargos majoritários quanto para proporcionais. Um belo exemplo é a vitória de Luciano Rezende nas

¹⁷ Disponível em: < <http://www.folhavitória.com.br/politica/blogs/de-olho-no-poder/2013/10/12/evento-evangelico-reune-liderancas-politicas/>> Acesso em 20/04/2017

¹⁸ Segundo Philip (2013), o candidato pastoreia há 38 anos na Assembleia de Deus do Ministério Ibes, composta por 42 igrejas e um total de 9.221 membros.

¹⁹ Disponível em: < <http://www.tre-es.jus.br/>> Acesso em 20/04/2017

eleições locais de 2016, cuja coligação *Para Vitória Continuar em Boas Mãos* garantiu a representatividade eleitoral do PRB e a inserção, ainda que tímida, das alas neopentecostais em eleições majoritárias para prefeito.

2.3.3. Minas Gerais

A mesma estratégia de coligações também foi aplicada, durante as eleições municipais de 2016, na principal cidade de Minas Gerais, Belo Horizonte. O evangélico João Leite (PSDB) disputou o segundo turno com Antônio Kalil (PHS), que ganhou por uma diferença de aproximadamente cinco pontos percentuais. De acordo com o Tribunal Eleitoral de Minas, houve 15,52% de votos nulos e índice de abstenção de 22,77%. Juntos, eles somam 740.346 e superam os votos do candidato vencedor.

Um aspecto interessante dessa última eleição é que João Leite liderou a corrida eleitoral no primeiro turno. Ao contrário de Kalil, que é um outsider, o tucano possui seis mandatos como deputado e um como vereador. Além disso, já havia tentado comandar a prefeitura duas vezes: em 2000, quando perdeu a eleição no segundo turno, com 45% dos votos para Célio de Castro (PSB); e em 2004, derrotado no primeiro turno pelo hoje governador Fernando Pimentel (PT).

Nesse mesmo período, atuou como secretário Estadual de Desenvolvimento Social e do Esporte entre 2003 e 2004, participou das comissões de Defesa do Consumidor e do Meio Ambiente e presidiu a Comissão de Segurança Pública. Sua vitória representaria os interesses das alas tucanas e evangélica, e, apesar de alguém do PSDB não governar a cidade há 20 anos, sua posse simbolizaria a continuidade da gestão de Marcio Lacerda.

O fato de João Leite não ter ganhado a eleição municipal de Belo Horizonte, não deslegitima os números conquistados e, principalmente, a existência de uma parcela significativa da população que se identifica com seu discurso moralista frente às pautas progressivas, como por exemplo, as políticas de inclusão LGBT.

2.3.4. São Paulo

O candidato à prefeitura Celso Russomanno, do PRB, também passou por um caso parecido de quase vitória durante as eleições locais de 2016. A presença de um candidato do PRB faz todo o sentido nessa cidade, afinal, São Paulo é considerada a maior e mais luxuosa metrópole do país; berço do conservadorismo, a sua capital foi escolhida pela Universal como sede do Templo de Salomão.

Dada a atmosfera reacionária da política paulistana, pode-se dizer que a trajetória política de Russomanno está em curva acedente. Em 2014, foi o deputado mais bem votado do Brasil, e, apesar de não ser evangélico, o político conta com o apoio das lideranças neopentecostais e possui valores alinhados a causa.

Durante o primeiro turno das eleições, a simpatia neopentecostal tornou-se ainda mais evidente quando o pastor Marco Feliciano, após desistir de sua candidatura à prefeitura, declarou seu apoio ao candidato do PRB. Mesmo com a transferência desses votos, a disputa paulista sofreu uma reviravolta, Russomanno, que seguia em primeiro lugar nas intenções de votos em pesquisas eleitorais²⁰, perdeu espaço para João Dória, eleito no primeiro turno com uma média de 53% dos votos válidos; contudo, vale ressaltar os índices significativos de abstenção eleitoral (21,85%), de votos brancos (5,28%) e nulos (11,35%).

Ao analisar essas eleições, é importante frisar que, embora Russomanno não tenha conquistado o posto, a conquista do segundo lugar não pode ser observada de forma irrelevante, principalmente se levar em consideração que os discursos de Dória e Russomanno possuem muitos elementos em comum, visto que a narrativa moralista neopentecostal se mistura aos discursos empresarial, antipetistas e anticorrupção.

A prova empírica dessa aproximação retórica dos candidatos pode ser obtida através do relatório da Fundação Perseu Abramo²¹, sobre o imaginário social dos moradores da periferia paulista, onde foi constatada a forte presença do trio: consumo, neopentecostalismo e ideário liberal do “faça você mesmo”. Os resultados dessa pesquisa indicaram que a população acredita na política, mas não em

²⁰ Disponível em: < <http://noticias.r7.com/eleicoes-2016/sao-paulo/ibope-com-30-das-intencoes-de-voto-celso-russomanno-lidera-disputa-a-prefeitura-de-sp-15092016>> Acesso em janeiro de 2017.

²¹ Disponível em: < <http://novo.fpabramo.org.br/>> Acesso em abril de 2017.

partidos – o que demonstra a eficácia do personalismo neopentecostal nesse segmento. Além disso, a fundação verificou que a maioria dos entrevistados enxerga o Estado como inimigo, e é justamente na ineficiência dessa máquina que a igreja cresce menos na sua dimensão teológica e mais como instituição de apoio social. Ao abrir canais comunicacionais – de afetividade, solidariedade e identidade (inclusive a política) –, os neopentecostais conseguem disseminar seus valores e construir uma força maior do que a coerência ideológico-partidária, uma vez que torna seus partidos meros instrumentos eleitorais.

Desse modo, compreende-se que o processo de racionalização política da igreja se dá de maneira pulverizada, como uma espécie de hidra. Por mais que o PRB seja a principal sigla da denominação, a Igreja Universal do Reino de Deus distribui seu apoio através de coligações e alianças com “partidos situados no espectro eleitoral de direita à centro-direita: PMDB, PR, PTB, PP e PRB” (SANTOS et al., 2016, p.13).

Acerca do caráter personalista de candidatos neopentecostais, o trabalho de Braga et al. (2003) constatou que, nas eleições de 2012, “Com exceção do PT e do PRB, todos os partidos tiveram menos da metade de seus candidatos usando websites pessoais para se comunicar e interagir com o eleitorado” (BRAGA et al., 2013, p.8).

Sendo assim, analisar a função das narrativas neopentecostais na formação da identidade política de candidatos evangélicos e simpatizantes da causa torna-se essencial para dimensionar a aderência desse discurso em nossa cultura política. Tendo em vista o investimento dos partidos de direita nas redes sociais online, esta pesquisa utilizará uma metodologia de inspiração etnográfica dos perfis oficiais dos quatro sujeitos políticos mencionados.

3. Narrativa neopentecostal na formação da identidade política: inspirações etnográficas

A terceira parte deste artigo pretende investigar a função das narrativas neopentecostais na formação da identidade política dos candidatos à prefeitura na região sudeste. Além da problemática relatada, este estudo analisou os atalhos de

informações utilizados por políticos simpatizantes ou declaradamente neopentecostais, a fim de compreender se é realmente vantajoso ser um candidato evangélico durante uma corrida eleitoral. Para isso, empregou-se o aplicativo Wordle, durante o período de 16 de agosto a 30 de outubro de 2016, com o intuito de analisar as principais postagens nos perfis oficiais desses políticos.

A relação entre “internet” e “neopentecostalismo” é antiga, remete ao final dos anos 1990, logo no início da implementação da internet no Brasil. Segundo Jungblut (2000), os evangélicos foram o primeiro grupo religioso a apropriar-se dessa tecnologia, como meio de divulgar suas crenças, em salas de bate-papo, páginas pessoais e institucionais; sendo assim, pode-se dizer que as redes sociais online se constituíram numa ferramenta de instrução religiosa, atuando como modeladora e ordenadora de processos e comportamentos no âmbito público, na medida em que os fiéis poderiam encontrar textos sagrados e reflexões teológicas, exercer sociabilidade e, principalmente, obter informações políticas na web.

Em 2000, Mariano constatou o aumento no número de atores evangélicos no ciberespaço. Para ele, essa mudança significou a modernização da bancada evangélica, que atualmente privilegia o ambiente web como plataforma de discurso político. Nessa perspectiva, Miklos (2012) discorre que as experiências de sociabilidade religiosas migraram para o ciberespaço, onde projetos de lei conservadores são justificados através de passagens bíblicas publicadas nas redes sociais online por autores políticos.

Um exemplo desse tipo de projeto é o Estatuto da Família (PL 6.853/2013)²², que reconhece a família apenas como a entidade “formada a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos”; outro exemplo é a PL 5.069/2013²³, de autoria do Eduardo Cunha, que criou uma série de empecilhos ao direito constitucional das mulheres vítimas de violência sexual realizarem aborto

²² Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoestemporarias/especiais/55a-legislatura/pl-6583-13-estatuto-da-familia/conheca-a-comissao/historicode-reunioes>> Acesso em: julho de 2016

²³ Disponível em: < http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1061163&filename=PL+5069/2013> Acesso em julho de 2016.

na rede pública de saúde, ambas as pautas conservadoras foram bastante debatidas na web, tanto pelos internautas progressistas quanto por aqueles que fomentam o discurso intransigente na rede social online.

Famosos nas redes sociais online, os sujeitos políticos escolhidos para esta pesquisa representam a modernização e a expansão dos segmentos neopentecostais. Tanto os candidatos simpatizantes quanto os declaradamente evangélicos possuem elementos conservadores em suas ciberpautas, ancorados nos ideários neopentecostais de batalha espiritual, porém de forma mais amena quando comparados a outros políticos evangélicos.

Com 700 mil seguidores, Russomanno é simpatizante da causa evangélica. Conectado às redes sociais online, utiliza o slogan “em defesa do cidadão” como foto de capa no Facebook. Apresentador da TV Record, seu perfil é interativo, voltado para sanar dúvidas do internauta-eleitor, informando-o sobre acontecimentos do dia-a-dia. O caráter personalista é delineado através da figura do jornalista que faz a patrulha do cidadão de bem, denunciando irregularidades cometidas pelas instituições.

Representante da família brasileira, o candidato posta foto com a esposa, os filhos e os netos constantemente, além de incentivar a luta contra corrupção, o que atrai o eleitor socialmente conservador. Durante o período eleitoral, Russomanno enfatizou a sua experiência política e a sua luta pelo direito do cidadão. A imagem de político cuidador, estabelecida nas redes, se opôs à de outsider do candidato João Dória.

Assim como Russomanno, Luciano Rezende é simpático às narrativas neopentecostais. Coligado ao PRB, o político é seguido por 41 mil internautas-eleitores no Facebook e possui a mesma característica personalista do candidato paulista: compartilha diversos momentos em família na rede, posta fotos e vídeos de conteúdo religioso voltado para autoajuda.

Mandatário, Rezende foi reeleito prefeito de Vitória. Diferente dos outros candidatos, sua estratégia de persuasão consistiu em publicar seus feitos durante o mandato e estar à disposição nas redes sociais online para ouvir críticas e sugestões. Nesse contexto, utilizou muito bem a máquina ao aproveitar-se da

posição de prefeito, concedeu entrevistas sobre a sua gestão e, depois, as compartilhou no Facebook. Outro aspecto interessante foi a adoção do bordão “Fica, Luciano”, sempre acompanhado por fotos do prefeito com seus eleitores, todas com a marca d’água “Vitória em 1º lugar”.

Tal qual Luciano Rezende, Marcelo Crivella também ganhou as eleições durante o segundo turno. No decorrer de sua campanha, foram observadas duas atuações distintas no jogo político. No primeiro turno, as publicações do candidato do PRB eram acompanhadas por imagens com citações bíblicas, de autoajuda ou políticas, de cunho generalista, com percepções de senso comum, alcançando uma média de 20 mil likes, 15 mil compartilhamentos e 188 comentários por conteúdo publicado.

Durante a corrida eleitoral do segundo turno contra Marcelo Freixo (PSOL), Crivella utilizou as mídias digitais de forma mais constante e aderiu a uma retórica mais incisiva, com ênfase nas propostas de governo e na manutenção de sua reputação como forma de desestabilizar o adversário de esquerda, alcançando uma média 30 mil likes, 18 mil compartilhamentos e 200 mensagens. Graças aos aparatos tecnológicos, Crivella pôde apresentar vídeos em sua página oficial, com suas propostas de governo, sem interlocutores e driblar o déficit comunicacional pelo seu não comparecimento aos debates da emissora Globo, uma vez que o conteúdo foi propagado pelas redes sociais online.

Seguido por 50 mil internautas-eleitores, João Leite é evangélico, em seu perfil oficial é possível verificar um apelo ao “jeito certo de se fazer política”, frase que o próprio utiliza diversas vezes em suas postagens, inclusive para justificar a sua defesa aos Direitos Humanos ao eleitor socialmente conservador.

Seu perfil possui denúncias contra práticas de corrupção, com compartilhamento de matérias jornalísticas sobre o tema. Da mesma forma que os outros políticos analisados, João Leite também transmite uma imagem paternalista, posta vídeos e imagens com dicas do dia-a-dia e de conteúdo conscientizador.

Durante a campanha política, João postou vídeo de suas caminhadas em pontos específicos da cidade e de explicações sobre seu programa de governo, bem como de imagens contendo apresentação de propostas. Além disso, no segundo

turno contra Kalil, João Leite compartilhou vídeos, textos e imagens denunciando o oponente aos internautas-eleitores.

3.1. Das Amostras

Na primeira etapa, foi privilegiado o relato de campo (BECKER, 2007, p.100) da página oficial dos quatro candidatos. Durante o período de 16 de agosto a 30 de outubro de 2016, esta pesquisada descreveu as suas percepções acerca das interações na página por parte dos autores políticos em questão, onde foi atestado que Russomanno, Rezende, Crivella e João Leite possuíam identidades personalistas, com ênfase na figura do político honesto, que luta contra as mazelas da sociedade, como a corrupção, e não hesita em denunciar irregularidades.

Nesse sentido, diagnosticou-se que essas narrativas conferiam simplicidade e integridade aos candidatos, na medida em que as mensagens compartilhadas valorizavam os dons do Espírito (como sabedoria, fortaleza, administração, etc.) ao invés de pautas mais progressistas. Para conferir essa hipótese, foi utilizado o Wordle, um programa que dimensiona as palavras mais presentes no discurso em gráficos, aumentando-as de acordo com o número de aparições.

Todo o material coletado durante o período de campanha e pré- campanha foi submetido a esse aplicativo, com o intuito de encontrar atalhos de informações padronizados nesse discurso. Importante ressaltar que, embora alguns candidatos tenham perdido e ganhado no primeiro turno, convencionou-se uniformizar o tempo de pesquisa em todos os quatros casos, por entender que não comprometeria a amostra, uma vez que as narrativas não difeririam quanto a sua essência, conforme se pode analisar a seguir:

Figura 1: Gráfico feito com a ajuda do *Wordle* com as postagens da página do período de 16 de agosto a 30 de outubro de 2016



Fonte: Wordle

De acordo com o aplicativo Wordle, as palavras mais proferidas no discurso dos candidatos, durante período de 16 de agosto a 30 de outubro de 2016, foram: Vitóriaem1ºLugar, SomosTodosCrivella, RussomannoResolve, Deus, família, fiscalização, denúncias, serviços, experiência, proposta, corrupção, comissão, fiscalização. Tais palavras sugerem esses atalhos de informações aliados à dinâmica das redes sociais online compuseram narrativas neopentecostais atraentes às parcelas conservadoras da sociedade e descrentes da esquerda, principalmente num contexto de baixa formação política.

4. A função do discurso neopentecostal na construção da identidade política: um contexto de baixa informação:

Tendo em vista que o discurso neopentecostal não pode ser plenamente apreendido vislumbrando apenas seus aspectos semânticos, a quarta parte deste artigo se dedica a compreender como a dramaticidade – o teatro e o personalismo políticos – confere sentido a essa narrativa como forma de dar coerência aos acontecimentos, e assim entendermos como concede autoridade ao seu enunciador. Como visto anteriormente neste trabalho, os anseios do movimento pentecostal vão muito além do acesso à esfera pública, trata-se de um grupo politicamente construído, com quadros de referência próprios. Estes elementos conservadores da

cultura pentecostal nos ajudam a entender o sentido da construção da identidade de Crivella (PRB), Russomanno (PRB), João Leite (PSDB), Luciano Rezende (PHS), e o o modus operandi como encontram respaldos teocêntricos não apenas como reafirmação de uma oposição a setores sociais progressistas, mas como forma de dar sentido aos atores no mundo político separando-os entre “amigos” e “inimigos”.

Vale notar que os eleitores evangélicos não escolhem seus candidatos levando em consideração o partido em que estão inseridos, mas sim ao que atribuem a estes personagens políticos. O partido só é apontado como garantia de uma conduta específica, no que diz respeito ao PRB e seus coligados, de forma positiva, e ao PT, de forma negativa.

A queda dos partidos como fontes para atalhos de informação confiáveis para tomada de decisão para boa parte da população é abordada em diversos estudos da área e não se restringe ao panorama brasileiro, sendo uma característica paralela à ampliação da volatilidade eleitoral na chamada democracia de público (Manin, 1995). Esse conceito da identidade política como personagem ganha ainda mais sentido se considerarmos que os elementos mais importantes na fala política desses candidatos, apontados previamente pelo aplicativo Wordle, revelam o uso de uma narrativa que se solidifica na eventualidade de uma luta em potencial, do bem contra o mal.

É na presença de um potencial eleitorado que os quatro sujeitos políticos passam a incluir em suas atividades sinais que acentuem ou atenuem aquilo que desejam passar. Sobre isso, Goffman (2011, p.16) explica que “se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir”.

Sendo assim, torna-se válido abordar o conceito de atalhos de informação neste estudo, e a maneira como ele pode ser relacionado ao conceito da existência política como existência constituída através de antagonismos, voltando-se à função da construção de identidades políticas simplificadas ou personagens.

A análise de Downs (1999) sobre os efeitos dos custos de informação no funcionamento da democracia, reconhecidas suas graves limitações e os problemas de seu reducionismo à racionalidade economicista, é um marco dos estudos sobre o

tema. O autor reconhece que os custos de aquisição, análise e avaliação de informações políticas são ao mesmo tempo altos em relação à percepção dos cidadãos sobre sua capacidade real de decisão sobre os rumos políticos de sua democracia, e transferíveis a terceiros que podem processar e simplificar estas informações por motivos diversos. Ou seja, os cidadãos se informariam sobre a política de modo muitas vezes acidental e mediado por terceiros, para os quais estes cidadãos delegariam a função de encaixar as informações e acontecimentos políticos em uma narrativa simplificada e coerente.

Numa atualização da teoria econômica de Downs, Popkin (1994) também recusaria a ideia de que o cidadão médio está disposto a arcar com os custos implicados no refinamento de informações políticas e econômicas visando um voto “racional”, principalmente por um sentimento de que o retorno deste investimento depende de uma quantidade de pessoas tão grande que a opção individual por investir o tempo em qualquer outra atividade pode não alterar em nada o resultado político em questão, ao mesmo tempo em que geraria outros retornos, mais palpáveis.

Isto faria com que a autoridade para processar, simplificar e dar sentido ao mundo político fosse distribuída por *atalhos informativos* – o que é diferente de delegá-la – com os quais os cidadãos estão mais familiarizados, variando de códigos culturais e socioeconômicos até amigos e ícones considerados como informados politicamente e aptos a interpretar e dar sentido aos fatos aos quais se associa relevância política.

Nesse sentido, entende-se que a persuasão não poderia repousar unicamente em uma estratégia puramente racional porque as instâncias de interpretação, identificação e atribuição de sentido por parte dos cidadãos não se esgotariam neste campo. A utilização destes atalhos não seria irracional e envolveria tanto questões de interesse por parte dos cidadãos, a racionalidade de baixa informação interagiria diretamente com a construção da imagem pública dos candidatos e a inserção das informações disponíveis sobre estes em uma narrativa simplificada que torne o mundo político coerente.

Cientes deste processo, os responsáveis pelas campanhas investem em falas autobiográficas, com características pessoais de foro privado, valorizadas como indícios de competência política e até mesmo técnica. Estas inferências fariam com que a credibilidade no meio político dependa cada vez mais da sobreposição do imagético privado ao público (Popkin, 1994; Jamieson, 1990).

Em relação à identidade política, Meyrowitz (1986) sinaliza que os padrões de fluxo de informação, diretos ou mediados, ajudam a definir as situações e noções do que é ou não um modo apropriado de comportamento para uma determinada identidade social. Enquanto os scripts sociais destas identidades têm fontes diversas, são necessários palcos apropriados para que a performance ocorra. Nesta perspectiva, “os media não apenas nos mostram mais rapidamente que situações e comportamentos ocorrem, eles influenciam e fomentam novas situações e novos eventos ao fornecerem novos sistemas de informação e exposição pública” (Idem, p39-43).

Assim sendo, os meios de comunicação eletrônicos teriam grande impacto na identidade grupal por minarem a relação entre localização espacial e acesso à informação. A coesão identitária de muitos grupos e associações antes fomentadas pelo fato de seus membros estarem “isolados juntos” em espaços e situações similares, é tensionada pela exposição pública que pressiona a transformação de comportamentos da esfera privada/local em comportamentos que misturam elementos supostamente espontâneos e informais em performances sociais.

Isso leva a crer que o aumento do espectro de influência do movimento neopentecostal incentivaria a adesão política e fortalecimento desse grupo perante a esfera pública, exercendo pressão sobre temas que desafiam a autocompreensão pentecostal da política e da participação social. Percebidas com maior intensidade nas redes sociais online, as narrativas neopentecostais possuem uma adesão significativa por parte da sociedade. Embora esses índices não correspondam exclusivamente à opinião do eleitorado brasileiro, atuam como indicativo de acentuação da polarização política.

Com isso, este estudo conclui que os atalhos de informação conferem natureza pentecostal a fala dos quatro candidatos analisados neste estudo, atuando

como ferramenta de construção da *persona* política desses atores, na medida em que o caráter polarizador da rede acentua as características teatrais em seu discurso como forma de fidelizar eleitores.

Considerações finais

Este trabalho procurou abordar em toda a sua extensão a complexidade que envolve o processo de expansão do movimento neopentecostal e a função de seu discurso na identidade política de candidatos à prefeitura da região sudeste no pleito de 2016. Com isso, foi possível compreender que a disseminação do conceito de batalha espiritual e sua aplicabilidade nas estruturas de poder ocorreram em simultaneidade a mudança de postura evangélica em relação à política eleitoral, principalmente a neopentecostal, no início dos anos 1980. Num contexto de crise política e conflitos sociais, este estudo apontou o crescimento dos partidos neopentecostais, especialmente o PRB, nas eleições de 2016 é fruto de diversos fatores, tais como: emprego massivo das mídias eletrônicas, principalmente o Facebook, como meio de projeção política. Nessa rede social online, a postura dos candidatos neopentecostais, de ênfase no personalismo político como forma de viabilizar candidaturas, mostrou-se uma política de resultados eficaz, uma vez que os partidos têm sido relegados a um segundo plano pela chamada "democracia de público" (MANIN, 1995, p.28). Caracterizada pela ampliação da volatilidade eleitoral, esse tipo de democracia evidencia que, no lugar da identificação partidária, a personalidade dos candidatos passa a ser um "atalho de informação" determinante na escolha eleitoral. Sendo assim, chegou-se a conclusão de que ao aproveitar-se do clima de polarização política e romper com a base do governo Rousseff, o PRB e os partidos a quem ele se coligada ganharam os votos das parcelas antipetistas da sociedade, através do antagonismo político.

Referências

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo. Martins Fontes, 2009.

DOWNS, Anthony. **An Economic theory of democracy**. New York: Harper Collins, 1957.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas, Tese de Doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp, 1994.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis. Vozes, 2011.

GIDDENS, Anthony. (1986), **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. Berkeley, University of California Press

JAMIESON, Kathleen H. **Eloquence in an Electronic Age: The Transformation of Political Speechmaking**. Oxford University Press, 1990.

MACHADO, Maria das Dores. **Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MANIN, Bernard. **As Metamorfoses do Governo Representativo**, 1995. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Ano 10 , nº 29/ págs. 5-34.

MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, Antônio Flávio O. **Envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. no 1992, n. 34, p. 92-106, 1992.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior**, Oxford University Press, 1986.

ORO, Ari Pedro. "**Podem passar a sacolinha': um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo autônomo atual**". *REB*, no. 210, p. 301-323, 1993.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Eleição 2010: Desmoralização eleitoral do moralismo religioso**. Novos Estudos CEBRAP, nº 89, março 2011. (pp. 5-15). Przeworski et. Al. (1999)

POPKIN, Samuel. **The Reasoning Voter: Communication and Persuasion in Presidential Campaigns**. University of Chicago Press, 1994.

RICARDO, Mariano. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. Tese de doutorado em sociologia, São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

RODRIGUES, Malena. **Palanques virtuais: o uso de websites pelos partidos políticos brasileiros**. Anpocs, 2014, disponível em: < <http://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt04-1/8858-palanques-virtuais-o-uso-de-websites-pelos-partidos-politicos-brasileiros/file>> Acesso em janeiro de 2017

SANTOS, Suzy et al. **Quando a Religião, a Mídia e a Política se confundem**. Anpocs, Caxambú, 2016. Disponível em: <http://www.anpocs.org/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10304-quando-religiao-midia-e-politica-se-confundem-as-estrategias-politicas-e-midiaticas-do-prb-da-record-e-da-igreja-universal-do-reino-de-deus>. Acesso em janeiro de 2017

SCHMITT, Carl. **O Conceito de Político**. Petrópolis. Vozes, 1992

SIEPIERSKI, Paulo D. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil**. In: Estudos Teológicos. v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SYLVESTRE, Josué. **Irmão Vota em Irmão**. Brasília: Pergaminho, 1986.

WEBER, Max. (2004), **A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.